Acervo ISA

Instituto Socioambiental

fonte: VEJA class.: 44 Índios / Língua

data: 30/11/94 pg.: 72-80

A2R000044

ESPECIAL

O retorno à língua dos nossos índios

Em busca da língua-mãe, os cientistas tentam reviver a fala dos primeiros brasileiros

ARMANDO SARTORI E RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA

O interesse de cientistas pelos índios brasileiros é antigo. Essa paixão está sendo reativada, cada vez com mais entusiasmo, pela lingüística, às voltas com seus problemas de classificação e dos chamados "universais lingüísticos". As histórias desse novo surto de indigenismo são várias e espetaculares:

■ Em São Gabriel da Cachoeira, espécie de capital do extraordinário território do Alto Rio Negro — uma Europa primitiva onde se falam 31 línguas e circulam outros tantos povos —, Valteir Martins, um dos mais novos e talvez dos melhores foneticistas brasileiros, acaba de documentar um som humano ainda não registrado nos compêndios. É uma "oclusiva glotal sonora", seu nome no jargão científico. A descoberta é tão incrível que o americano Peter Ladefoged, considerado o maior foneticista vivo, desembarcará em São Gabriel no início do próximo ano, com uma parafernália eletrônica ultra-avançada, para documentar o fonema, da língua dos índios dâw (o acento, diz o meticuloso Valteir, é para indicar que o *a* é pronunciado bem na garganta).

■ Próximo a Boston, no Massachusetts Institute of Technology — onde leciona Noam Chomsky, um dos papas da lingüística contemporânea —, a paulista Luciana Storto está investigando a hipótese de que um índio karitiana, qualquer um dos 170 que lutam para sobreviver numa reserva a 100 quilômetros de Porto Velho, tem estruturas mentais (os "universais lingüísticos") como as de Karl Marx. Explicando melhor: esses universais são regras inatas, impressas no cérebro de qualquer ser humano desde seu nascimento. Eles fazem com que uma criança até os 4 anos de idade, não importa de onde seja, tenha capacidade de falar qualquer uma das 5 000 línguas humanas. O conceito é endossado atualmente por praticamente todos os lingüistas. Luciana descobriu que, nas formas históricas de construir as frases dos karitiana, especialmente na posição de verbos em relação a sujeito e predicado dentro da oração, há um fenômeno — que Chomsky havia batizado na literatura especializada como V2 — típico da língua alemã.

■ Jean-Pierre Angenot, lingüista com quinze anos de trabalho em línguas nativas africanas, transferiu-se para Guajará-Mirim, fronteira do Brasil com a Bolívia, onde montou uma casa que é uma espécie de universidade. Num quarto, ficam ele e sua mulher, Geralda Vítor, também lingüista. Em outro, fica um casal especializado em lingüística computacional. Em outros dois, ficam Rosa e Manoel, últimos falantes do kuyubi e do moré, línguas de povos da região. Numa sala fica uma xeroteca de 1 000

Acervo ISA

O português veio do latim. E o tupi?

GE-PANO-CARIBE
Problema: neste ramo, bem longe do tupi, de acordo com o americano Joseph Greenberg, estão as línguas karib, muitas da Amazônia. Grandes lingüistas brasileiros discordam

EQUATORIAL
Problema: nesta ponta, num terceiro subnível, Greenberg coloca o tupi. Aryon Rodrigues, o mais renomado lingüista brasileiro, diz que o tupi é um grande tronco e sugere que ele pode incluir o karib

6b

ANDINO
8,5 milhões de falantes do oeste da América do Sul

CHIBCHAN-PAEZ
Iria da Flórida à Amazônia. Inclui os ianomâmis

CENTRO
Comanche, asteca. 2,8 milhões de falantes

MACRO-TUCANO
Teste: aqui, no ramo do macro-tucano, Greenberg coloca a pouco conhecida família da língua "maku". Na Amazônia, a equipe de Jean-Pierre Angenot testa essa hipótese

NORTE
139 línguas, no Canadá, EUA, México

AMERÍNDIO

URÁLICO
Finlandês, húngaro e outras 22 línguas

ALTAICO
Turco, mongol, japonês. Estende-se pela Ásia

SIBERIANO

LESTE

ESQUIMÓ-ALEUTA
85 000 falantes no extremo norte do mundo

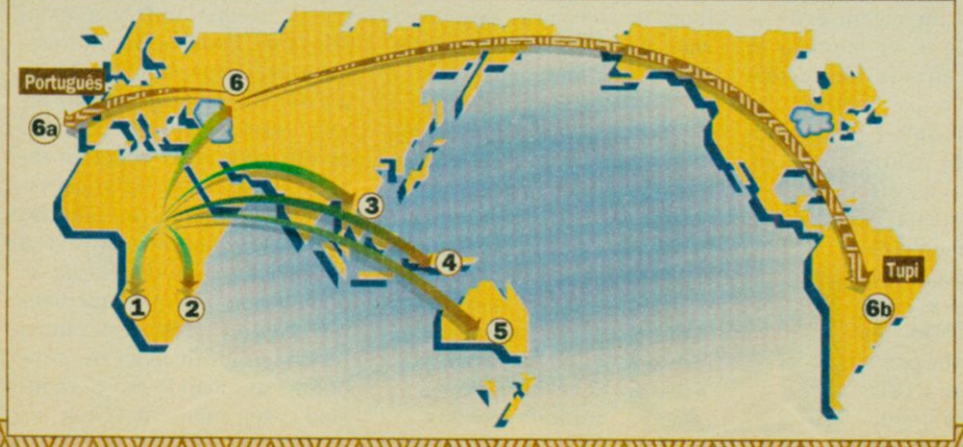
BASCO
Na Espanha. Resistiu ao indo-europeu

SINO-CAUCASIANO
Mandarim, tibetano. 300 línguas. Um bilhão de falantes

DENE-CAUCASIANO

NA-DENE
Língua dos navajo e apache. 34 línguas, 200 000 falantes

As rotas do português e do tupi



Os grandes grupos lingüísticos teriam-se formado a partir das migrações dos nossos antepassados iniciais, da África, há 100 000 anos. Seriam seis rotas nessa diáspora e seis grandes ramos de linguagens *(veja ao lado)*. Para chegar ao Brasil é preciso tomar a rota e o ramo de número 6, representados no galho ampliado (ele se baseia na classificação usada pelo lingüista Jean-Pierre Angenot. Nostrático vem do latim *nostrates*, "nosso"). São dois caminhos distintos. O do português, que vem do latim e, antes ainda, de uma língua mais primitiva, o indo-europeu. E o do tupi e das demais línguas indígenas, que teriam vindo pelo extremo da Ásia, através do Estreito de Bering e norte da América. O problema com esse caminho está exatamente na parte da América do Sul, onde se baseia em estudos considerados quase que unanimemente precários.

Na árvore das línguas:

① **Khoisan** - Grupo de trinta línguas do sudoeste da África. Usa sons onomatopaicos — clicks — como consoantes

② **Congo-Saara** - Perto de 1 200 línguas faladas por 200 milhões de pessoas. Do centro, sudeste e parte do sudoeste africano

③ **Áustrico** - Perto de 120 línguas, 300 milhões de falantes, do sul da China, Indochina e Malásia

④ **Indo-pacífico** - 700 línguas, 3 milhões de falantes. Da Nova Guiné e ilhas ao norte da Austrália

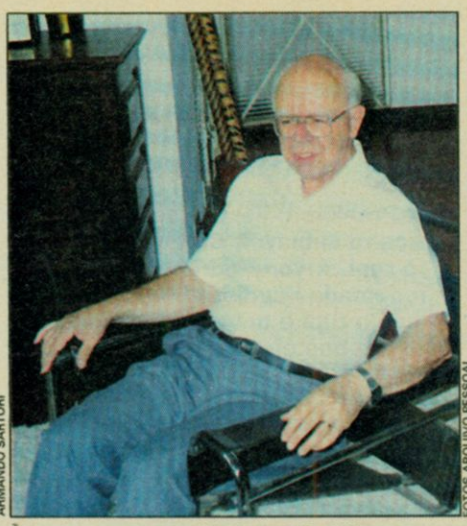
⑤ **Australiano** - Cerca de 170 linguagens dos aborígenes australianos, com apenas 30 000 falantes

⑥ **Hipernostrático** - Grupo que reuniria as línguas faladas no norte da África, Oriente Médio, Europa, a maior parte da Ásia e as línguas nativas da América

Acervo ISA

trabalhos recolhidos no mundo inteiro sobre as línguas arauaque e txapakura. Essas línguas são mais de 100. Jean-Pierre e outros cientistas, do Brasil e do exterior, estão buscando reconstituir as mães dessas línguas, o proto-arauaque e o prototxapakura. Para ter uma idéia do tamanho da tarefa e de sua importância para os povos da Amazônia: os cientistas levaram 200 anos para reconstituir toda a intrincada árvore de línguas faladas na Europa e em regiões da Pérsia e da Índia. Com isso, refizeram a História dos europeus em bases mais racionais, opostas às concepções racistas: descobriram sua origem comum — o indo-europeu, uma língua que existiu há 6 000 anos e que, mesmo não tendo deixado língua escrita, já tem um dicionário reconstituído de 2 000 palavras.

■ Aryon Dall'Igna Rodrigues, hoje o mais renomado lingüista brasileiro, foi colocado no foco do maior debate atual sobre a classificação das línguas: o da existência de uma língua-mãe de todas as línguas da humanidade. Para completar a árvore surgida dessa protolíngua, o renomado lingüista americano Joseph Greenberg criou a teoria do ameríndio, um tronco comum de todas as línguas mais antigas da América. E colocou o tupi num terceiro subnível desse tronco, bem longe do karib, língua que se espalha do Mar das Antilhas ao sul da Amazônia. Aryon, porém, põe o tupi noutro nível. Sugere que ele pode ser uma parte da árvore de línguas humanas com a profundidade do indo-europeu, de 6 000 anos. Ayron faz ironia com Greenberg: sugere que a tese do ameríndio tem tanto valor quanto a de alguém que diz que o frango e o peru têm origem numa proto-ave, ou seja, a tese é óbvia e inútil. O lingüista brasileiro propõe reabilitar uma hipótese ousada: a do alemão Karl von den Steinen, que disse, no final do século passado, depois de uma incursão em lombo de mula de Cuiabá para o norte, que o tupi e o karib têm origem comum — no Alto Xingu, que ele chamou de "Pátria Karib".



ARMANDO SARTORI

Aryon: contra o óbvio e o inútil

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Denny Moore e os gavião:...

"Só não vê a importância do debate sobre a classificação das línguas do Brasil quem baba com o sânscrito, o latim e o gótico e cospe no tupi", poderia ter dito Mário de Andrade. Chauvinismo à parte, nesse particular o Brasil é como a Europa: são vários povos, várias línguas e famílias de línguas. Na Europa estão os povos de línguas românicas, descendentes do latim, como o português, o francês, o espanhol e o italiano. Estão os povos de língua germânica, como os que falam iídiche, alemão, holandês, inglês, flamengo. Já na Amazônia estão os povos de língua tupi-

Linguagem e representação

Quatro aspectos para compreender as línguas e a ciência que as estuda

1. A Origem. Não se pode confundir a origem da linguagem humana com a história do aparelho usado para falar. O corpo humano não tem um aparelho fonador específico. Para falar, as pessoas usam emprestados órgãos do aparelho digestivo (a boca, a língua) e do respiratório — a cavidade nasal e as cordas vocais, que aliás não são cordas, mas duas membranas localizadas na entrada da laringe cuja função essencial é ficarem justapostas para impedir a entrada de alimentos no aparelho respiratório através da glote, o espaço existente entre elas. A distinção entre fala e linguagem é importante porque linguagem não é só a falada. Os surdos-mudos, por exemplo, são capazes de se comunicar com uma "linguagem plena", dizem os neurolingüistas *(veja reportagem a seguir, à pág. 79)*. Linguagem é a capacidade de o ser humano se expressar através de certos princípios e parâmetros, diz Noam Chomsky. É uma capacidade inata, não é ensinada. A questão da origem da linguagem humana, portanto, é a de saber quando essa capacidade surgiu na História das espécies. Não há uma resposta precisa. Há duas teorias básicas: 1) a linguagem se desenvolveu no nosso cérebro, do *Homo sapiens sapiens*, em função da extraordinária aceleração de suas atividades culturais, especialmente nos últimos 50 000 anos; 2) a linguagem dos seres humanos é resultado de um período evolucionário muito longo que pode chegar talvez a milhões de anos atrás, aos nossos ancestrais de espécies anteriores, os hominídeos.

O cérebro do *sapiens sapiens*

2. A Representação. O primeiro passo para o estudo sistematizado da linguagem decorreu de sua representação escrita. Isso começou em torno de 5 000 anos atrás com as primeiras civilizações humanas, na Mesopotâmia e no Egito. As escrituras mais antigas — como os cuneiformes e os hieróglifos — são listas de contabilidade e ordenações de autoridades, o que indica a existência de Estados. Eram ideogramas, representações de idéias. Havia uma relação direta entre cada símbolo e o objeto ou a ação concreta representada. Isso exigia, necessariamente, uma quantidade imensa de símbolos. A escrita era privilégio de uma casta de pouquíssimos. Povos que tiveram muito contato com outros foram simplificando os símbolos, agrupando-os e reduzindo seu número. Com os

Α	Β	Γ	Δ	Ε	Ζ	Η	Θ
Ι	Κ	Λ	Μ	Ν	Ξ	Ο	Π
Ρ	Σ	Τ	Υ	Φ	Χ	Ψ	Ω

Alfabeto grego: vogal simplificou

Acervo ISA

...língua tonal

Luciana Storto: descobrindo o alemão no karitiana

guarani, como o paracanã, o parintintim, o camaiurá, o guajajara. E os que falam as línguas kayapó, como o txucarramãe, o xikrin, o gorotire, o kararaô.

Audaciosa Classificação — A diferença é que os europeus estudaram suas origens lingüísticas durante dois séculos. Mas será que a possibilidade de reconstituição pára aí, nos 6 000 anos do indo-europeu? Até pouco tempo atrás se achava que sim. Além dessa data, as línguas não teriam mais deixado rastro. Nos últimos anos, no entanto, migraram para o Ocidente grandes lingüistas russos, que estão entre os maiores especialistas da matéria. E eles começaram a divulgar trabalhos de reconstrução de línguas bem mais antigas. Em particular, do nostrático — a "língua nossa" —, que teria dado origem não só ao tronco indo-europeu como também ao ameríndio, a suposta língua-mãe de todas as línguas mais antigas da América.

Em 1990, realizou-se a Conferência sobre Linguagem e Pré-História na América, nos Estados Unidos, convocada especialmente para discutir o ameríndio. Esse galho da árvore da língua-mãe, estendida dessa forma até a terra dos tupi, não foi obra de um cientista qualquer, mas de Joseph Greenberg, hoje com 80 anos, um mito da lingüística internacional. Em 1963, Greenberg apresentara uma audaciosa classificação das 1 500 línguas africanas em um grupo, unindo-as a quatro grandes blocos. Era um trabalho lingüístico pouco convencional, no atacado: Greenberg comparou as listas de palavras existentes de todas as línguas, buscando as relações mais evidentes entre elas. Lingüistas tradicionais comparam poucas línguas extensamente. Procuram reconstituir passo a passo as relações de parentesco — lexicais, gramaticais, semânticas. A despeito da falta de ortodoxia, no entanto, com o tempo a classificação africana de Greenberg se provou correta. O tempo também não dará razão ao ameríndio?

Aryon resume sua oposição à tese de Greenberg num artigo de novembro de 1993: ela é inútil. É tão irrelevante para analisar a diversidade lingüística indígena quanto o é, para a diversidade biológica, o reconhecimento de que todas as aves se reduzem, em última instância, a um só tronco filogenético. A contundência do texto de Aryon não reflete seu jeito tranqüilo. No seu apartamento, no campus da Universidade de Brasília, ele detalha o mesmo argumento. "Quem olha para um índio não pode deixar de ver seu tipo mongol, os olhos puxados, e perceber que

fenícios, famosos navegadores e comerciantes, surgiu, por volta de 3 000 anos atrás, um alfabeto primitivo, mas essencialmente novo, com símbolos abstratos, para representar os sons. Menos de 1 000 anos depois, os gregos puseram mais clareza na escrita introduzindo as vogais. Quando se falava débito, debate ou debite, escrevia-se dbt, por exemplo. As vogais, nitidamente, simplificaram e deram mais precisão à escrita.

JEAN PIERRE LAFFONT/SYGMA

Chomsky

Saussure

3. A Ciência. O suíço Ferdinand de Saussure é considerado o pai da moderna lingüística. Na virada do século, ele separou explicitamente o estudo da palavra, dos sons emitidos pelas pessoas, do estudo da linguagem — o sistema de regras e conceitos que está por trás dessas manifestações. Com Saussure, a lingüística adquire o status de ciência positiva. (Apesar de ele nunca ter escrito um livro. O seu *Curso de Lingüística Geral* consiste das anotações feitas pelos seus alunos.) Diz Allen Harris, no livro *A Guerra dos Lingüistas*, que conta a polêmica feroz entre os teóricos modernos, tendo Noam Chomsky como pivô: Saussure tornou a lingüística uma ciência muito parecida com a deusa Juno, de duas faces — uma voltada para fora, para a sociedade, e a outra para dentro, para a psicologia humana. No final dos anos 50, Chomsky introduziu na lingüística uma nova e explosiva concepção: derrubou a noção, então em voga entre os chamados behavioristas, como B.F. Skinner, de que a linguagem podia ser ensinada. Sustentou que ela é inata, uma característica genética da espécie. O cérebro humano, disse ele, dispõe de um conjunto de "universais lingüísticos", complexo de regras e procedimentos que dá ao homem a possibilidade de construir um ilimitado conjunto de sentenças a partir das palavras conhecidas.

4. A Tecnologia. A lingüística teve também uma revolução técnica nos anos recentes. Dos primeiros e pouco eficientes aparelhos eletrônicos de registro de som surgidos após a II Guerra Mundial, passou-se, a partir dos anos 80, à microcomputação. Os computadores hoje estão acoplados a instrumentos que digitalizam os sons e permitem o uso de programas capazes de verdadeiras maravilhas. Frases podem ser decompostas em todos seus fonemas, para ser visualizados graficamente de inúmeras formas. Softwares lingüísticos de menos de 500 dólares são capazes, por exemplo, de comparar as palavras cognatas — de mesma raiz — em línguas diferentes para dicionários inteiros em pouquíssimo tempo.

DIVULGAÇÃO APPLE

Lingüística na era digital

Acervo ISA

EGBERTO NOGUEIRA

Jean-Pierre: uma equipe para as "mães" do txapakura e do arauaque

eles vieram da Ásia. Não resta dúvida, além disso, de que a hipótese mais plausível é a de que a humanidade se tenha desenvolvido a partir de uma espécie única original, o *Homo sapiens sapiens*. E que também a língua da espécie humana tenha sido inicialmente uma só."

Os problemas vêm depois disso, diz Aryon. Para Greenberg, os tupi estão distantes dos karib, tribos de índios que se espalham entre as ilhas do Mar do Caribe e a Amazônia. Aryon, no entanto, fez um demorado trabalho de relacionamento entre as línguas dos dois grupos. Descobriu entre o karib do norte da Amazônia e as línguas tupi inúmeros termos comuns na parte cultural da língua, como os nomes para plantas e animais, tipo maracujá, a planta, e maracajá, gato-do-mato. Descobriu, ainda, entre todas as línguas karib, tanto as do norte, como as do sul da Amazônia, e as do tronco tupi, uma centena de palavras comuns para partes do corpo humano, da natureza e ações universais. São termos básicos, que geralmente decorrem de origem comum. Como explicar essas descobertas? Elas sugerem que o tupi e o karib tiveram uma origem comum, se separaram e se reencontraram depois. E que a origem comum pode ter sido no sul. E não no norte, como se pode imaginar, à primeira vista, quando se pensa na trajetória original do primitivo homem americano, que teria vindo de Bering para o Caribe e a mata amazônica. Aryon lembra que as descobertas recentes sobre a data da chegada do homem primitivo à América do Sul antecipam o tempo imaginado anteriormente de 10 000 para até mais de 30 000 anos. Diz ainda que a Amazônia sofreu enormes transformações: há 12 000 anos a grande floresta não existia, e há 6 000 teria encolhido enormemente. Por isso, diz ele, não se pode concluir por aparências: é preciso rigor científico.

RAIMUNDO PEREIRA

Valteir e pajés dâw: som fora dos manuais

Jean-Pierre Angenot, que considera Greenberg um grande lingüista e tem o ameríndio como referencial para novas pesquisas, acrescenta outro argumento a favor de Aryon. Na África, diz Jean-Pierre, as tribos não foram destruídas como na América. Na medida em que se vai deslocando no espaço geográfico, o lingüista vai encontrando dialetos que se

Faça como sir William Jones

Um exercício para você entender o que fez o lingüista inglês que pode ser tido como precursor de Darwin

Assim como qualquer um percebe que um pato, um marreco e uma galinha têm algo em comum, todos podem perceber semelhanças entre palavras de línguas diferentes. *Mãe*, da nossa língua, é *madre* em espanhol e *mother* em inglês. *Pai* é *padre* e *father*. Essas semelhanças não são casuais. Revelam graus de parentesco entre essas linguagens. Merrit Ruhlen, lingüista americano, propõe no seu recém-lançado *A Origem da Linguagem* um fascinante exercício. Na tabela da página ao lado estão listadas treze palavras em nove diferentes linguagens. A brincadeira consiste em tentar agrupar as línguas — descobrir suas famílias, como se diz em lingüística — de acordo com a semelhança entre as palavras. O leitor não deve impressionar-se com os sinais estranhos utilizados na grafia de algumas delas. Eles são parte do alfabeto fonético internacional e servem para definir com precisão a pronúncia. (O símbolo θ, por exemplo, corresponde ao *th* inglês da palavra *think*, "pensar". É um som que não tem correspondência precisa em português, mas se aproxima do *ce* da palavra *foice*, pronunciado com a língua entre os dentes.) O exercício pode ser feito desprezando essas diferenças. A sugestão é procurar, em primeiro lugar, as similaridades mais gerais no conjunto: por exemplo, olhando várias vezes o quadro inteiro, para separar os grandes blocos, as famílias de línguas. E, secundariamente, antes de dar sua resposta com base nessa visão geral, fazer comparações de detalhe, coluna por coluna ou linha por linha. A visão de detalhe pode ajudar a separar, dentro de uma família, um subgrupo de línguas. O leitor que quiser ir até o fim do exercício, agora, encontrará a resposta no final deste texto, de cabeça para baixo.

Ruhlen propõe o exercício por um motivo. Ele é tido como um propagandista da pesquisa da proto-world, linguagem inicial do *Homo sapiens sapiens*. Já publicou uma lista de quarenta palavras que apresenta como candidatas

Acervo ISA

Linguagem	Dois	Três	Mim	Você	Quem?	Não	Mãe	Pai	Dente	Coração	Pé	Camundongo	Ele leva
A	ʔiθn-	θalāθ-	-ni	-ka	man	lā	ʔumm-	abū	sinn	lubb	rǐjl-	fār	yaḥmil-
B	šn-	šalōs	-ni	-ka	mi	lo	ʔem	aß	šen	leß	regel	ʕakbɔr	nośeh
C	duvā́	tráyas	mā́m	tuvā́m	kás	ná	mātár-	pitár-	dant-	hṛd-	pád	muṣ-	bhárati
D	duva	θrāyō	mąm	tuvəm	čiš	naē-	mātar-	pitar-	dantan-	zərəd	paiδya		baraiti
E	duo	treîs	eme	sú	tís	ou(k)	māter	pater	odōn	kardiā	pod-	mûs	phérei
F	duo	trēs	mē	tū	kwis	ne-	māter	pater	dent-	kord-	ped-	mūs	fert
G	twai	θreis	mik	θu	hwas	ni	aiθei	faδar	tunθus	haírtō	fōt		baíriθ
H	dó	trí	-m	tú	kía	ní-	máθir	aθir	dēt	kride	traig	lux	berid
I	iki	üč	ben-i	sen	kim	deyil	anne	baba	diš	kalp	ayak	sičan	tašıyor

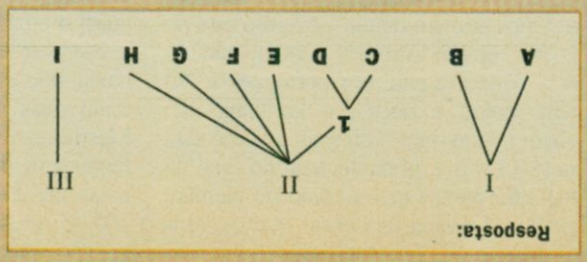
a um dicionário dessa mãe de todas as línguas (Jean-Pierre Angenot, que a estudou, diz que ela "é impressionante". *Cão*, por exemplo, é *kujan* na língua-mãe, *kuyna*, em nostrático, *kuon*, em indo-europeu, e *hound*, cão de caça em inglês. Em moré, é kinan). Amigo de Joseph Greenberg, cuja teoria sobre o ameríndio está sendo violentamente atacada nos Estados Unidos, Ruhlen quer mostrar que o método de seu companheiro, a comparação geral das línguas por listas de palavras, tem valor. E que os lingüistas americanos que combatem essa técnica conseguiram a proeza de sufocar sua própria curiosidade.

No exercício, não é difícil que o leitor consiga distinguir os três grupos presentes na tabela: AB, CDEFGH e I. Também é relativamente simples perceber que C e D dentro do segundo grupo formam uma subunidade. E a malícia de Ruhlen é propor exatamente o exercício feito por sir William Jones, o jurista da Suprema Corte da Índia que no final do século XVIII lançou as bases para a classificação das línguas indo-européias. O primeiro grupo inclui o arábico (A) e o hebreu (B). O segundo é formado pelo sânscrito (C), língua sagrada da Índia, ainda hoje usada, o avestano (D), língua sagrada da velha Pérsia, que deu origem às falas modernas do Irã, o grego clássico (E), o latim (F), o gótico (G), que é o antigo alemão, pai do inglês e do alemão atuais, e o antigo irlandês (H). O último bloco é o turco (I). Com essa comparação, Jones separou o bloco indo-europeu (CDEFGH) e, dentro dele, distinguiu a parte da Europa da que correspondia à Pérsia e à Índia (C e D).

Charles Darwin, pai da teoria da evolução das espécies, dizia: "A formação das diferentes linguagens e das diferentes espécies, e as provas de que ambas se desenvolveram através de processo gradual, são, curiosamente, a mesma". Jones é considerado um precursor de Darwin. Na sua época, os lingüistas estavam em busca da língua falada antes da mitológica confusão da Torre de Babel. Diz um de seus biógrafos: "Em última instância, Jones separou linguagem da religião tão claramente quanto Darwin, mais tarde, separou a ciência da religião". Ruhlen está destacando ainda outro aspecto importante do trabalho de Jones: seu método. Ao provar que, dentro de certos limites, é possível que qualquer um faça o que Jones fez, ele está atacando os seus coleguinhas americanos. Parece estar dizendo: "Não tenham medo de comparar palavras, tenham bom senso".

GAMMA

Babel: mitologia



Resposta:

modificam em transições suaves. Em Camarões, por exemplo, falam-se 267 línguas. Na Nigéria, 411. Na Tanzânia, 126. "Aqui na Amazônia, não. Falta 80% do material lingüístico. Faltam áreas imensas. Isso representa um obstáculo muito grande e dificulta o debate."

Para melhorar o debate é preciso, primeiro, impedir que as línguas desapareçam. Jean-Pierre é um dos muitos que pensam e trabalham para isso. Projeta implantar um museu da Amazônia — já tem terreno, doado pela prefeitura de Guajará-Mirim. Quer fazer ali o primeiro curso de pós-graduação em lingüística indígena no país. Para isso, já convidou um rol de lingüistas internacionais.

Outras universidades têm projetos semelhantes. Denny Moore, um americano de 49 anos que dirige o setor de lingüística do Museu Goeldi, instituto de pesquisas do Pará, tem dez lingüistas em trabalhos de campo e seis no exterior. Programou para janeiro, em Belém, um curso com Colette Craig, da Universidade do Oregon, especialista em métodos de pesquisa de campo com línguas em perigo de extinção. A Unicamp, uma das raras universidades brasileiras com bacharelado em lingüística e cursos obrigatórios de línguas indígenas, desde 1988 executa um projeto para descrição e documentação de dezessete línguas do Parque Nacional do Xingu, onde estão representadas as grandes famílias faladas no país — karib, gê, tupi-guarani e arauaque.

Língua Tonal — No Brasil são faladas ainda cerca de 200 línguas indígenas. Só 30% delas foram descritas de modo satisfatório, ou seja, com descrição minimamente precisa de seus sons, com dicionário e gramática. Para a maioria, só se tem listas com poucas palavras, compiladas por curiosos, como padres, viajantes, militares. O professor Moore dá um exemplo: missionários que trabalhavam há dez anos com os índios gavião não sabiam que a deles era uma língua tonal — como o chinês e línguas africanas, que usam a variação de tom das palavras para definir o seu significado. O setor de lingüística do Museu Nacional, o mais antigo centro de estudos do setor no país, situado no Rio de Janeiro, acaba de informatizar seu arquivo de documentos históricos — escritos e sonoros —, conta Bruna Franchetto, doutora e pesquisadora da equipe do museu. Bruna, 43 anos, italiana, veio para o Brasil atraída pelas línguas indígenas e pela Amazônia. É um fascínio antigo: ela chegou ao Brasil em 1976.

Acervo ISA

Com a multiplicação dos trabalhos de descrição das línguas vão-se acumulando as descobertas, como as de Valteir Martins e a de Luciana Storto. Valteir, de Patos de Minas, e sua mulher, Silvana, de Araçatuba, interior de São Paulo, foram trabalhar com os dâw. Os dâw são caçadores exímios, da família de línguas chamada maku, um nome politicamente incorreto, que significa "bicho do mato", usado por inimigos desses índios. Valteir e Silvana foram morar na aldeia dos dâw, na margem do Rio Negro, diante de São Gabriel da Cachoeira, com três crianças de colo, há dez anos. A tribo estava devastada pelo alcoolismo. A mortalidade infantil era de 80%. Enquanto estudava, o casal trabalhava com os índios, numa escola, na formação de roças. Hoje, a mortalidade infantil é de menos de 20%.

Áspero e Vibrante — Valteir e Silvana são mestres em lingüística, orientados por Jean-Pierre Angenot. Valteir prepara uma tese de doutoramento com a língua ritual, dos pajés da tribo, que é mais conservadora, tem formas mais ancestrais (basta ver que até recentemente as missas eram em latim). Valteir, diz Jean-Pierre, tem um talento extraordinário para a fonética, o conhecimento dos sons de uma língua. Foi assim que descobriu o inédito oclusivo glotal sonoro. A glote é o vão entre as cordas vocais, popularmente conhecido como goto, que fica fechado quando se come, para que o alimento não caia na saída reservada para o ar. Os sons oclusivos são os emitidos com esse vão fechado. Teoricamente, não poderia haver, portanto, um oclusivo glotal sonoro: o som só se produz com as cordas vocais abertas, para que o ar passe e as faça vibrar. Mas Valteir — que se lembra de prestar atenção nas formas diferentes da boca para emitir o *a, e, i, o, u* desde que tinha 5 anos — descobriu que os dâw produzem o tal som quando falam a palavra equivalente a "paca", que é *paa'ed*, com a vírgula no alto simbolizando a parada, a oclusão. Valteir percebeu que os índios a pronunciam esticando o segundo *a* até a oclusão, de modo áspero e vibrante. Desconfiou que havia som a despeito da oclusão. Levou a palavra ao computador e viu que, de fato, nos 100 milissegundos do fonema, havia vibrações e oclusões alternadas. Sua descoberta correu mundo.

A história de Luciana é semelhante. Ela descobriu, junto aos índios, na pesquisa dos universais lingüísticos, uma saída para o impasse acadêmico em que tinha mergulhado. Em 1988, quando se formou em História pela Unicamp, estava frustrada. Havia, diz ela, "esgotado a dose de impressionismo e achismo das ciências humanas no Brasil". Buscou uma saída: fez um curso informal de lingüística. Achou que ali estava o caminho. A lingüística, diz ela, "é das poucas ciências humanas com tratamento científico". Procurando emprego, descobriu o professor Denny Moore e em 1991 começou a trabalhar com os karitiana. Luciana fez mestrado na Pensilvânia com o karitiana. E ao longo desse trabalho acabou percebendo o fenômeno gramatical V2 ligado aos universais lingüísticos.

Na pesquisa desses universais, um dos campos é o da ordem oracional, a disposição na frase dos elementos constituintes da oração — sujeito, verbo e objeto. Existem seis ordens possíveis, começando pela mais conhecida por nós, falantes do português: sujeito-verbo-objeto, sujeito-objeto-verbo, e assim por diante. Sabe-se que a ordem mais antiga é encontrada nas orações subordinadas. Tome-se a seguinte frase da língua portuguesa: "Quando o homem matou a onça a criança chorou". A oração subordinada é: "Quando o homem matou a onça". Nela se vê que a ordem oracional básica do português é SVO (sujeito-verbo-objeto: "O homem matou a onça"). Os lingüistas acreditam que o deslocamento do verbo na ordem da frase ao longo da história de uma língua é regido por um princípio, um universal lingüístico. Luciana conhecia o chamado "fenômeno V2": o deslocamento do verbo da última posição (2 ou 5) para a posição inicial (3 ou 4) ou para a posição intermediária (1 ou 6). Isso já havia sido observado na língua alemã. A graça é que Luciana flagrou um V2 em plena selva amazônica.

Em karitiana ela ouviu: "Onça homem matou chorou criança". Na oração subordinada "Onça homem matou", o verbo está no final. Na oração simples, como quando enuncia o equivalente em português a "O homem matou a onça", o karitiana diz: "Homem matou onça", ou seja, o verbo está no meio. O verbo, portanto, saiu do final da frase e veio para o meio, como no alemão. Na prática, Luciana descobriu que os karitiana, em certos aspectos, falam como os alemães, embora o ponto em comum entre suas línguas deva-se perder nos milênios passados. Com essa descoberta e com auxílio do professor Moore, ela escreveu para o MIT e conseguiu uma bolsa para doutoramento. Ela vem ao Brasil pelo menos uma vez por ano e desde 1992 está refazendo um dicionário karitiana, organizado por um missionário americano e no qual os índios haviam descoberto diversas impropriedades. A língua tem dialetos. Variações na língua falada pelos mais jovens e outras decorrentes do fato de que o grupo atual há trinta anos era dividido em duas aldeias: uma só de homens e outra quase só de mulheres. Os mais jovens, por exemplo, para a palavra irmã dizem *pa'in;* e os mais velhos, *pan'in.* Da discussão com os índios — são 170 na aldeia —, como regra eles estabeleceram que ela utilizasse a forma mais antiga. Luciana também alfabetizou dezesseis adolescentes. Eles já tinham aprendido português; a alfabetização significou ensinar-lhes a escrever sua própria língua, que nunca havia sido escrita. Esses jovens são os que estão mais em contato com os "brancos". Mesmo assim tinham enorme interesse pela linguagem de seus ancestrais: a média de notas no curso foi de 80 numa escala de 100. E nessa linguagem karitiana, ressalte-se, não estão apenas regras de uma língua selvagem. Karl Marx e Goethe falavam com algumas regras também iguais.

FOTOS EDBERTO NOGUEIRA

A gravação do moré: computação e história

Acervo ISA

Os últimos falantes

Manoel Faé, Julá Paré, Rosa Kuyubi são a memória de línguas que se quer reviver

No Mamoré, Jean-Pierre, dona Rosa e dom Manoel: como português e espanhol

Ele anda devagar. As mãos vão meio estendidas, à frente, para evitar obstáculos: é quase cego — uma catarata lhe obscurece a vista há vinte anos. Seu povo — alguns milhares no início do século — está reduzido a 200 pessoas. Na semana passada estava indo a Florianópolis para operar a vista e substituir seus poucos dentes por uma dentadura. Espera, com isso, pronunciar de modo mais preciso palavras de uma língua que só existe hoje em sua memória. Manoel Faé Paray, 82 anos, está fazendo um depoimento para a equipe de Jean-Pierre Angenot. Ele é o último falante do moré, a língua de um povo que sobrevive na região do Rio Mamoré, em Rondônia.

Manoel lembra-se do primeiro "gringo" que apareceu na sua aldeia, um alemão que trazia presentes, e do militar boliviano, Luís Leigue, que chegou depois, militarizou os costumes e proibiu que se falasse o idioma. Passou os últimos meses na casa de Jean-Pierre gravando em um computador suas lembranças das velhas palavras. Apenas nove velhos a entendem. Mas oito não falam. Ouvem, mas respondem em espanhol. Só Manoel fala, sozinho. E se empenha nisso. Muitas vezes, Jean-Pierre ainda nem tomou o café da manhã e ele o procura aflito para saber se *tototenhe* (passarinho), por exemplo, está na lista, que já chegou a 1 800 palavras. Os espíritos de seus ancestrais falam com ele, à noite. Quando começou o trabalho, faz três meses, eles vieram irados. "Que hace acá? Que pasa? Que pasa?", cobravam, conta dom Manoel, com seus gestos lentos, dramáticos, girando os antebraços e fazendo movimentos circulares com os dedos médio e indicador. "Un avuelo me estaba mirando", diz ele. "Te deixei pequeno, você não era muito atento: sabe todos os cantos ancestrais? Sabe cantar taran?", o avô teria dito. "Foi uma noite tormentosa", lembra. Os espíritos acabaram aprovando sua missão. Hoje ele também sonha com outras coisas. Quer juntar-se com uma brasileira que lhe ensine o português.

Último Guardião — O moré é uma das três línguas agonizantes da família txapakura, junto com o oro-win e o kuyubi. No primeiro semestre, no tribunal do júri em Guajarará-Mirim, a equipe de Jean-Pierre identificou cinco falantes do oro-win, língua de uma tribo praticamente exterminada a mando de um seringalista de Rondônia que estava sendo julgado na ocasião. (O julgamento terminou, aliás, com a primeira condenação por genocídio na história dos massacres de índios brasileiros.) Jean-Pierre soube que dona Rosa Kuyubi falava a língua de seus ancestrais na volta da viagem pelo Mamoré na qual localizou Manoel. Ela não falava o kuyubi havia mais de trinta anos. Enquanto Jean-Pierre a ouvia, Manoel ria, encantado com a proximidade com o moré. Moré e kuyubi estão tão próximos como espanhol e português, diz Jean-Pierre. No Rio Negro, sua equipe localizou também o último falante do baré — uma das línguas da extensa família arauaque — de 73 anos e que morreu dois meses depois que a missão científica terminou.

As histórias são muitas e sempre dramáticas. Como a de Julá Paré, o último guardião do umutina, língua da família bororo, do tronco macro-jê, de uma tribo de Mato Grosso, "pacificada" no início do século. Ele é o único sobrevivente do grupo que preferiu ficar na selva a se transferir para o posto do Serviço de Proteção aos Índios, precursor da atual Funai. Os que foram para o posto — hoje com 240 índios de diversas etnias despejadas ali pelo governo — não falam mais o umutina. Há dois anos, a história do umutina tinha chegado aos Estados Unidos, quando o *Los Angeles Times* noticiou a morte de uma mulher que seria a última falante da língua. Julá Paré a conhecia do posto. O grupo de Paré se integrara

Acervo ISA

finalmente ao posto em 1946. No início dos anos 50, só ele estava vivo. Do grupo que se integrara primeiro, só a mulher conservava a língua. Mas não a falava, porque isso lhe despertava amargas recordações. Quando ela morreu, passou um tempo até que se soubesse que o rebelde Julá Paré também falava o umutina. A notícia, porém, chegou até Aryon Rodrigues. Em 1993, na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em Recife, ele foi procurado por Stella Telles Pereira Lima, uma aluna do núcleo de estudos indígenas da Universidade Federal de Pernambuco, que queria uma sugestão para a tese de mestrado. Aryon lhe falou de Julá Paré. Stella foi a Mato Grosso. O índio, hoje com 80 anos, presume Stella, há quarenta anos não falava o umutina. Mas ouvia as vozes de antepassados e companheiros de selva, em sonhos. Pouco a pouco, no entanto, com ajuda de Stella, recifense de 31 anos, funcionária da universidade, começou o trabalho. No início do ano Stella o apresentará a uma banca examinadora. É uma descrição prévia da língua.

ARQUIVO PESSOAL

Julá Paré: guardou a língua nos sonhos e nos desaparecidos da selva

LINGUAGEM PLENA — Existem hoje cerca de 5 000 línguas. A grande maioria delas é falada por poucas pessoas e poderia ser colocada na lista de espécies ameaçadas de extinção. Diz o professor Michael Krause, um famoso lingüista americano: no século XXI há o perigo de extinção de 5% das espécies de aves, 10% dos mamíferos e de 90% das línguas. No Brasil, que em 1500 tinha mais de 1 200 línguas, na estimativa de Aryon Rodrigues, sobrevivem menos de 200. Essa é a tendência, com certeza. Mas, é o que se pretende? Não. Na medida em que as pesquisas vão mostrando que as línguas humanas são aspectos de uma característica maior e essencial da espécie, é necessário fazer um movimento contrário: buscar, inclusive, formas de linguagem até agora relativamente desprezadas. É o caso da "língua" dos surdos-mudos. Num livro publicado no início do ano *(The Language Instinct)*, Steven Pinker, diretor do Centro para a Neurociência Cognitiva, do MIT, diz que os surdos-mudos têm uma linguagem plena. Seu problema de aprendizado é o mesmo de qualquer criança pequena, diz ele. Ela nasce com capacidade de manifestar sua linguagem. Não o pode fazer pela voz. Mas, se colocada num ambiente em que as pessoas se expressam por gestos, ela desenvolverá naturalmente uma linguagem plena. O erro é tentar fazer com que imite uma linguagem que não pode ser a dela. Ele conta a história da experiência dos sandinistas com o ensino de surdos. Os professores começaram dando ênfase à leitura de lábios e à fala. Os resultados foram desastrosos. Perceberam, porém, que no recreio, quando as crianças estavam sozinhas, elas foram inventando seu próprio sistema de sinais, aprimorando gestos que utilizavam em suas casas. Esses sinais acabaram sendo elaborados e se transformaram numa nova língua, chamada de Linguagem de Sinais Nicaragüense, LSN. Aryon Rodrigues conta sobre a conferência a que assistiu nos Estados Unidos sobre linguagens de surdos-mudos, feita em inglês para a maioria dos presentes, mas com tradução simultânea em surdo-mudo. Quando o conferencista terminou, diversos surdos-mudos intervieram levantando questões conceituais. Ele diz também que os urubu, da família tupi-guarani, no Maranhão — uma tribo com algum problema genético que provoca o nascimento de muitos surdos-mudos —, fazem parte de uma comunidade bilíngüe: todos falam urubu e se entendem também por uma linguagem de gestos.

"Existe uma preocupação mundial com a sobrevivência das línguas", diz Lucy Seki, 55 anos, mineira de Belo Horizonte, professora-adjunta do Departamento de Lingüística da Unicamp, com doutoramento na ex-URSS e pós-doutoramento na Universidade do Texas. "Mas isso está muito além das possibilidades dos lingüistas. É uma questão mais ampla." Ela cita o exemplo da educação bilíngüe que vem sendo exigida pelos índios do Parque Nacional do Xingu e de Rondônia. Atualmente, ela está finalizando um dicionário e uma gramática da língua camaiurá, da família tupi-guarani, hoje com pouco mais de 200 falantes. O índio não quer viver como no passado, com sua língua isolada, que resultou do fantástico processo de migração da espécie humana. Mas, também se opõe à chamada integração tradicional que destrói seus traços culturais fundamentais. ■

As línguas indígenas com até cinqüenta falantes

	Língua	Estado	Nº de falantes
1	Apiaká	MT	2
2	Xetá	PR	5
3	Koajá	RO	7
4	Júma	AM	9
5	Katawixí	AM	10
6	Suriána	AM	10
7	Diahói	AM	13
8	Sabanê	RO	20
9	Kanoê	RO	20
10	Ofayé	MS	23
11	Kararaô	PA	26
12	Tapayúna	MT	26
13	Krenjé	MA	30
14	Kren-akarôre	MT	31
15	Trumái	MT	34
16	Jurití	AM	35
17	Awetí	MT	36
18	Txunhuã-djapá	AM	37
19	Galibi do Oiapoque	AP	37
20	Mekém	RO	40
21	Jabutí	RO	40
22	Barasána	AM	43
23	Karapanã	AM	49